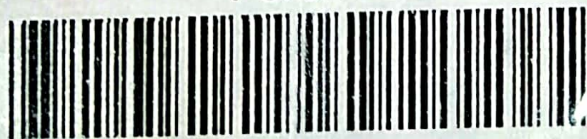


# paulo

## BONAVIDES

Antonio Carlos Klein

Fórum-CE



80793  
Ac.47289



terra bárbara

# paulo

**BONAVIDES**



## Coleção



- ADOLFO CAMINHA** - Claudia Albuquerque  
**ALBERTO NEPOMUCENO** - Floriano Martins  
**BÁRBARA DE ALENCAR** - Ariadne Araújo  
**BEATO JOSÉ LOURENÇO** - Xico Sá  
**BENJAMIM ABRAHÃO** - Firmino Holanda  
**BEZERRA DE MENEZES** - Luciano Klein Filho  
**CAPISTRANO DE ABREU** - Firmino Holanda  
**CEGO OLIVEIRA** - Eugênio Leandro  
**CHICO DA SILVA** - Roberto Galvão  
**CLÓVIS BEVILÁQUA** - César Asfor Rocha  
**DELMIRO GOUVEIA** - Aírton de Farias  
**DEMÓCRITO ROCHA** - Cleto Pontes  
**DRAGÃO DO MAR** - Luciana Cavalcante  
**FREI TITO** - Socorro Acioli  
**IRMÃOS ANICETO** - Pablo Assumpção  
**JÁDER DE CARVALHO** - Angela Barros Leal  
**JOSÉ ALBANO** - Ruy Vasconcellos  
**JOSÉ DE ALENCAR** - Mona Gadelha  
**JOVITA FEITOSA** - Kelma Matos  
**JUAREZ BARROSO** - Amélia Soares A. Landim  
**LOPES FILHO** - Túlio Monteiro  
**MESTRE NOZA** - Carolina Dumaresq  
**MOREIRA CAMPOS** - Caterina de Saboya Oliveira  
**NATANAEL CORTEZ** - Robério Américo Souza  
**PADRE CÍCERO** - Régis Lopes  
**PADRE IBIAPINA** - Benedito Silva  
**PATATIVA DO ASSARÉ** - Gilmar de Carvalho  
**PAULO BONAVIDES** - Antonio Carlos Klein  
**QUINTINO CUNHA** - Francisco José S. Souza  
**ROGACIANO LEITE FILHO** - Aírton Monte  
**SENADOR ALENCAR** - Aírton de Farias  
**SINHÁ D'AMORA** - Túlio Monteiro

**Antonio Carlos Klein**

**paulo**  
**BONAVIDES**



2 0 0 3

**DIREÇÃO EXECUTIVA:** Albanisa Lúcia Dummar Pontes

**CONCEPÇÃO DA COLEÇÃO:** Lira Neto

**COORDENAÇÃO EDITORIAL:** Walter Coe

**SUPERVISÃO GRÁFICA:** Roberto Santos

**PROJETO GRÁFICO:** Mirtis Rodrigues

**CAPA:** Mirtis Rodrigues/Deglaucy Jorge Teixeira

**EDITORACÃO ELETRÔNICA:** Rocylânia Isidio

**SUPERVISÃO E REVISÃO DE ORIGINALS:** Vessillo Monte, Manoel Macêdo e Edisio Fernandes

**TRATAMENTO DE IMAGENS:** Freitas Filho

**FICHA CATALOGRÁFICA:** Rodrigo Leite

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

K64p Klein, Antonio Carlos.  
Paulo Bonavides / Antonio Carlos Klein. –  
Fortaleza : Edições Demócrito Rocha, 2003.  
80 p. : il. – (Coleção terra bárbara)

Inclui bibliografia  
ISBN 85-7529-142-4

1. Paulo Bonavides - biografia. 2. Jornalismo.  
3. Ciência política 4. Direito. I. Título.

CDU 929Bonavides



**Edições Demócrito Rocha**

Av. Aguanambi, 282 - Joaquim Távora - Fortaleza - CE

Cep: 60.055-402 - Tel.: (85) 255.6176/6256/255.6055 - Fax: (85) 255.6276

[www.fdr.com.br](http://www.fdr.com.br)

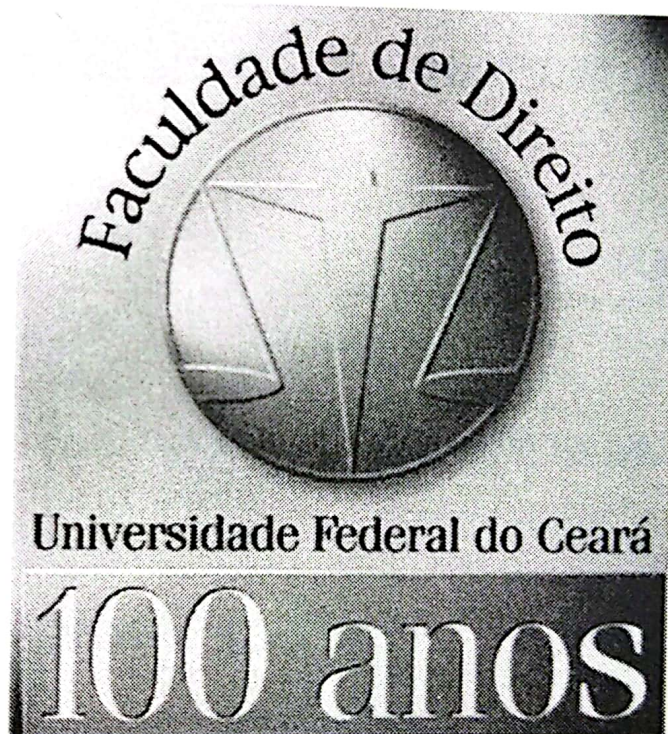
E-mail: [lojaedr@opovo.com.br](mailto:lojaedr@opovo.com.br)

E-mail: [edr@opovo.com.br](mailto:edr@opovo.com.br)

9234  
K64p  
2003  
ex!

# SUMÁRIO

Introdução		
<b>UMA VIDA ENTRE JORNAIS E LIVROS</b>		<b>7</b>
Capítulo 1		
<b>UM CEARENSE NASCIDO NA PARAÍBA</b>		<b>13</b>
Capítulo 2		
<b>MAOMÉ VAI À MONTANHA</b>		<b>21</b>
Capítulo 3		
<b>HARVARD MAN</b>		<b>29</b>
Capítulo 4		
<b>SUOR E RECONHECIMENTO</b>		<b>37</b>
Capítulo 5		
<b>HOMEM DE FAMÍLIA E PROFESSOR UNIVERSITÁRIO</b>		<b>45</b>
Capítulo 6		
<b>O NOTÁVEL REBELDE</b>		<b>53</b>
Capítulo 7		
<b>OUTONO ILUMINADO</b>		<b>61</b>
<b>LEIA MAIS</b>		<b>71</b>
<b>CRONOLOGIA</b>		<b>73</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>		<b>77</b>
<b>O AUTOR</b>		<b>79</b>



*Selo comemorativo do centenário da  
Faculdade de Direito da Universidade  
Federal do Ceará*

# INTRODUÇÃO

*Ó homem, de onde quer que sejas, quaisquer que sejam tuas opiniões, escuta: eis aqui a tua história, tal como acreditei tê-la lido, não nos livros de teus semelhantes, que são mentirosos, mas na Natureza, que nunca mente.*

**Jean-Jacques Rousseau**, *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens.*

## UMA VIDA ENTRE JORNAIS E LIVROS

Talvez não haja tarefa mais difícil de se escrever do que uma biografia. O relato de uma vida é sempre incompleto (principalmente estando o biografado vivo) e inevitavelmente parcial. As lacunas advêm da impossibilidade de se registrar cada sopro de vida que se dá com tinta e papel. Milhares de volumes não seriam suficientes para precisar o mais tedioso e uniforme dos dias na vida de qualquer ser humano. A dificuldade maior, porém, é fruto de uma forçosa seleção de fatos que, por melhor que estejam unidos, vão sempre revelar um fragmento, nunca um todo. Biografar é sintetizar.

Uma biografia não pode ser confundida com uma hagiografia. O culto a uma pessoa em nada difere da idolatria a bezerros de ouro.

Não se deve, por igual, enlamear a vida alheia, garimpando pecadilhos comuns a todos (como o fazem os tablóides sensacionalistas que exploram nossa imensa fraqueza de sentir prazer com as fraquezas alheias), pois a falibilidade faz parte da nossa essência. Tal atitude revela muito mais os preconceitos morais do biógrafo que os defeitos do biografado.

Cada um de nós está sujeito a cometer inúmeros equívocos ao longo do difícil aprendizado imposto pela vida. Contudo, alguns absorvem até a última gota a lição de uma experiência, atingidos que foram na medula, enquanto outros nem sequer são resvalados pela provação. Uns evoluem enquanto outros estagnam, acreditando que também estão a evoluir.

Assim, ainda que sem a aura da perfeição, há vidas merecedoras de referência e reverência. Paulo Bonavides, professor e jornalista, é uma dessas vidas. Para Bonavides, a Democracia adquire contornos de credo inabalável. Poucos cientistas políticos se dedicaram tanto ao estudo dos regimes democráticos e menos ainda sustentaram a necessidade de uma infusão, permanente e crescente, de mais democracia nas instituições políticas vigentes. Bonavides repete a lição dos clássicos e, tendo luz própria, também inova, avança, indicando novos caminhos e novas soluções. O legado de Rousseau tem nele um digno inventariante.

Nos tempos em que a liberdade estava em xeque, se não pegou em armas, sacou a caneta para elegantemente atacar: "Se o

poder repousa unicamente na força (...) não importa sua aparente solidez ou estabilidade, será sempre um poder de fato." (*Ciência política*, 1967). Em oposição a isso, segue afirmando, está o poder de direito, alicerçado na vontade popular.

A vazão constante às suas idéias, por meio de obras, aulas, palestras e conferências, não se interrompeu com a redemocratização do País. Enquanto alguns juristas de peso venderam-se a interesses escusos, através de artigos e pareceres tendenciosos, Bonavides, que já gozava de enorme reputação e não deixou de ser cortejado para ocupar altos postos e rendosos cargos em troca de alguns favores intelectuais para as posições elitistas, optou por manter sua alma íntegra e permaneceu denunciando as falhas que entendia existirem no novo Estado Democrático de Direito brasileiro.

Não é gratuitamente que alguém se torna unanimidade entre seus pares. Bonavides alçou-se a tal patamar, subindo degrau a degrau, e não apenas pelo que escreveu, mas por viver e agir de acordo com os seus pensamentos. Legitimou cada palavra sua através de uma postura asceta. Ao contrário de tantos que dizem uma coisa e fazem outra, seu texto tem a força da verdade em razão da defesa corajosa das idéias nele contidas pelo autor.

Bonavides encarna, ademais, o antípoda do intelectual que se faz pedante em razão de sua fama. Arrogância e vaidade não fazem parte de seu dicionário, sendo, ao contrário, sempre generoso e humilde.

O reconhecimento de sua grandeza não ocorre apenas dentro das fronteiras nacionais. Sobre ele, repousa a admiração de muitos dos maiores pensadores da Ciência Política e do Direito Constitucional no mundo. Nomes como Jorge Miranda, José Joaquim Gomes Canotilho e Friedrich Mueller vêm em Paulo Bonavides um mentor. Pablo Lucas Verdú chama-o de *maestro de los maestros*. Marcelo Rebelo de Sousa descreveu-o como sendo um homem do seu tempo, capaz de decifrar antecipadamente o curso da nossa era e louvou a riqueza criativa, a salutar insatisfação e a irrequietude do pensamento de Bonavides como exemplo de juventude incansável.

A Fundação Paulo Bonavides, com sede em Fortaleza, tem por finalidade, entre outras atividades de natureza jurídico-científica: o incentivo e o desenvolvimento de projetos, estudos e pesquisas destinados à compreensão do fenômeno jurídico, sobretudo para a orientação de decisões jurídicas de problemas pertinentes ao Estado do Ceará; a promoção de conferências, seminários, painéis, cursos e debates jurídicos de âmbito nacional e internacional; a concessão de bolsas de estudo; o apoio e incentivo ao intercâmbio de pesquisadores.

Volto, por último, a insistir que resumir uma vida tão longa e rica em um texto tão breve resulta, necessariamente, na omissão de incontáveis passagens belas, curiosas, divertidas, corajosas. Implica, igualmente, na supressão de ricos detalhes dos fatos sele-



*A sala de aula: o habitat de Bonavides*

cionados. Mas não deixa de servir de estímulo para quem se interessa por este gênero de leitura. Por isso, destaquei o que me pareceu ser mais relevante ou, ao menos, digno de nota. Bonavides, feito que é de sangue e carne, tem, com certeza, como todos nós, desacertos e enganos. Não tentei omiti-los, mas, certamente, não me preocupei em dissecá-los. E por que deveria? Os erros de Bonavides pertencem a ele. Já seus acertos, estes são patrimônio da Humanidade.

# CAPÍTULO 1

*(...) me traga logo a bacia dos nossos banhos de meninos, a água morna, o sabão de cinza, a bucha crespa, a toalha branca e felpuda.*

**Raduan Nassar**, *Lavoura arcaica*.

## **UM CEARENSE NASCIDO NA PARAÍBA**

A presidência de Artur Bernardes (1922-1926) se singularizou por ter atravessado quarenta e quatro de seus quarenta e oito meses de duração sob estado de sítio. O regime de exceção teve início logo após a Revolta dos Dezoito do Forte de Copacabana, episódio de eclosão do movimento tenentista e foi, sucessivamente, renovado, sobretudo em razão da grande epopéia chamada Coluna Prestes.

O ambiente político explosivo anunciava as mudanças que se alinhavam no horizonte e o crepúsculo de um regime já bastante apodrecido, sustentado pelas elites paulista e mineira através da política do café-com-leite.

Não deixa de ser curioso que um dos mais destacados defensores da democracia tenha vindo ao mundo nessa época de intenso arbítrio. Em dez de maio de 1925, enquanto Albert Einstein visitava este convulso Brasil (que seis anos antes, ajudara a firmar sua fama mundial com a comprovação, em Sobral, da Teoria da Relatividade), nascia em Patos, cidade do sertão paraibano, o décimo terceiro e penúltimo filho dos telegrafistas Fenelon e Hermínia Bonavides.

Fenelon estava, então, com cinquenta e seis anos de idade. Antes de trabalhar para os Correios, o patriarca dos Bonavides, filho do latinista Gervásio Fernandes Bonavides e de Maria Sidalina de Araújo Medeiros, havia sido professor primário em Campina Grande, onde fundara o primeiro grêmio literário local. Depois de se casar com a prima quinze anos mais jovem, filha de Francisco Matias Fernandes e Maria Pereira da Costa Fernandes, passou a levar vida modesta, mas digna e repleta de felicidade.

O recém-nascido recebeu o nome de Paulo Fernandes Bonavides. O nome foi o mesmo que havia sido dado ao bebê anterior, prematuramente falecido e, por isso, ainda muito pranteado. Aliás, dos quatorze rebentos de Fenelon e Hermínia, somente seis sobreviveriam às dificuldades da gestação, do parto ou da infância dura que o sertão nordestino impunha e que era ainda mais precária naqueles tempos. Paulo tornou-se o caçula dos vivos porque Gervásio, o verdadeiro fim-de-rama,



*Os irmãos Bonavides: Ibrantina, Dirce, Paulo, Alúisio e Anníbal*

foi um dos que não venceram os primeiros anos. Dos homens, Anníbal, Aluísio e Paulo conseguiram constituir família. Das mulheres, Dulce, Ibrantina e Dirce alcançaram idade adulta. Ainda assim, Dulce, dotada de uma inteligência assombrosa, viria a falecer na flor de seus dezenove anos de idade, quando a família ainda residia em Patos.

Como qualquer menino de sua época, Paulo brincava de pião, empinava papagaios, jogava bola de gude e participava de todos os jogos que a garotada inventava. Gostava bastante de mergulhar nas águas do rio Espinharas, que nascia praticamente às portas da cidade, pela junção dos rios Farinha e Cruz, tendo-se tornado um exímio nadador. Foram, inclusive, os banhos da infância que o habilitaram a executar uma façanha quando adulto e da qual trataremos mais adiante.

Ouvir histórias era outro de seus prazeres. À noitinha, levavam-se cadeiras para a calçada, costume que se encontra em vias de extinção, e as crianças da vizinhança, sentadas nas pedras do meio-fio ou no chão, vibravam ao escutarem as bem urdidadas sagas narradas pela mãe de Paulo, por Ana Lavadeira ou, ainda, por Dona Emerentina, sogra de seu tio Otávio Fernandes, todas mestras na arte de contar as aventuras reais ou fantasiosas de Lampião, Antônio Silvino, Bento Quirino, Zé Pereira, Antônio Conselheiro e Padre Cícero. Os heróis e santos da mitologia regional eram apresentados sem as cores do misticismo e do

cangaço. Só mais tarde, o tempo, os livros, os homens e a vida se encarregariam de revelar-lhe uma compreensão mais ampla daquelas personagens e suas sagas.

Aos cinco anos, a retina de Paulo registra uma movimentação invulgar de tropas pela cidade. Soldados vindos da Paraíba (este também era o nome da capital do Estado naqueles tempos) estacionavam em Patos antes de seguirem para Princesa. Lá, o coronel José Pereira, à frente de dois mil jagunços, assumira o controle da cidade e proclamara a canhestra República de Princesa, em protesto à política de João Pessoa, governador da Paraíba e sobrinho do ex-presidente Epitácio Pessoa, além de candidato a vice-presidente pela Aliança Liberal, chapa oposicionista capitaneada por Getúlio Vargas.

Princesa transforma-se em um quisto conservadorista dentro da rebelde Paraíba. Localizada na divisa com Pernambuco e contando com o apoio do governador do Estado vizinho, Estácio Coimbra, fiel a Washington Luís, foi palco de algumas das batalhas que viriam, naquele ano, a mudar o País.

A eleição presidencial ocorreu no dia seguinte ao da instalação da República de Princesa. Júlio Prestes, protegido de Washington Luís, vence nas urnas (fraudadas tanto pelo governo quanto pela oposição, mas com evidente maior competência dos situacionistas). Vargas e a Aliança Liberal começavam a digerir o revés eleitoral quando João Pessoa é assassinado. Seu verdugo

chamava-se João Dantas, adversário cujas razões foram tanto de ordem política quanto, sobretudo, pessoal: vingava a humilhação que Pessoa lhe impusera ao expor cartas e fotos íntimas dele com a namorada, Anaíde Beiriz.

O assassinio de João Pessoa transforma-se no estopim da Revolução de 1930. Alimentados por tão poderoso combustível, os partidários de Vargas, pouco tempo depois, amarravam seus cavalos no obelisco da Avenida Rio Branco, no centro da cidade do Rio de Janeiro, então Distrito Federal.

Um país que deve sua independência ao herdeiro do trono da nação colonizadora e teve a República proclamada com um ato falho daquele que viria a ser o seu primeiro presidente (Deodoro dá vivas ao Império!) não estranha que a eclosão de outro episódio histórico de relevo se origine de uma questão menor engenhosamente distorcida para servir aos devidos propósitos.

A família Bonavides, reunida à mesa das refeições, não deixava de discutir vivamente os fatos que estavam em curso. Paulo ouvia os pais e os tios manifestarem simpatia à causa revolucionária. Os irmãos mais velhos e os amigos de rua também reproduziam este apoio nas conversas e brincadeiras.

A condição material dos Bonavides permitiu que Paulo viesse a desfrutar de um grande privilégio à época: estudar. As primeiras letras e números foram aprendidos na escola do poeta Anésio



*O patriarca Fenelon Bonavides*

Leão, que funcionava na casa do próprio professor, nos moldes do melhor ensino fundamental particular que então se praticava. Responsável pela educação dos filhos das famílias mais ilustres da cidade, o dedicado preceptor cuidava sozinho de preparar as lições, redigindo-as de próprio punho, e orientava por volta de quinze pupilos de idades variadas e em estágios diferentes. As aulas eram ministradas no período da tarde.

A predileção por Português e História, adquirida já naqueles tempos, nunca mais iria abandonar o jovem Paulo. Monteiro Lobato e Hans Christian Andersen não faltaram naqueles dias. A voracidade pelo conhecimento, a ânsia para saber das coisas e dos homens, somadas ao gosto pela leitura, principal ferramenta para o desenvolvimento de um estilo cuidado e elegante que viria a florescer anos depois, seguiram-no por toda a vida e o impeliram a não só encontrar respostas em obras alheias, mas a interpretar a realidade com seus olhos.

A rotina dos Bonavides foi subitamente interrompida quando, em 11 de abril de 1933, Fenelon, aos 64 anos, é vitimado por uma febre tifóide. O golpe deixou Paulo, que ainda não completara oito anos, sentindo-se terrivelmente desamparado por nutrir imensa afeição pelo pai de quem gozara pouquíssimo o convívio. Este batismo de fogo, porém, deu início à primeira grande guinada em seu destino.

## CAPÍTULO 2

*Cheguei aqui em minha juventude, uma manhã (...)  
aquela manhã (...) senti que não havia bem que  
não pudesse esperar da vida.*

**Ítalo Calvino**, *As cidades invisíveis*.

### **MAOMÉ VAI À MONTANHA**

Hermínia Fernandes Bonavides era uma mulher forte, mas, uma vez viúva, teve de se abrigar à sombra do irmão, Sebastião Fernandes, para satisfazer as exigências de uma sociedade patriarcal e tradicionalíssima.

Sebastião Fernandes também era telegrafista, além de fazendeiro de porte para a região. Casara-se com uma das filhas do major Miguel Sátyro e Sousa, político eminente que havia sido constituinte estadual em 1891 e cuja amizade com Epiácio Pessoa levou-o a apoiar, em um primeiro momento, a Revolução de 1930.

A evolução do quadro político paraibano, entretanto, conduz o sogro do tio materno de Bonavides à oposição. Em Patos, Ernâni Ayres Sátyro e Sousa, filho do major (e que viria a se tornar governador da Paraíba, deputado federal em oito legislaturas e ministro do Superior Tribunal Militar), exercia, então, a chefia política local e tornara-se adversário do prefeito Adelgício Olinto. Este, num ato de perseguição política, consegue junto ao ministro da Viação e Obras, José Américo de Almeida (autor de *A bagaceira*), transferir Sebastião Fernandes para Fortaleza. Hermínia, ato contínuo, solicita também sua transferência, a fim de acompanhar o irmão e protetor, no que foi prontamente atendida. Registre-se que Paulo Bonavides não guardou mágoa do episódio, prestando, inclusive, louvores à pessoa de José Américo de Almeida em um artigo que está reproduzido em *Constituinte e constituição*.

A longa jornada até Fortaleza, empreendida pelas famílias Fernandes e Bonavides, teve início com uma viagem de ônibus até Pombal. De lá embarcaram, na manhã seguinte, em um trem que parou na noite daquele dia na estação de Iguatu. Somente no outro dia é que Paulo chegaria com sua família à cidade que ele viria a chamar de lar.

A primeira casa dos Bonavides, na Rua Tristão Gonçalves, 961, próxima ao antigo Centro Artístico Cearense, pertence, ainda hoje, a Ibrantina. Anníbal, que estudava no Liceu paraibano,

obteve a transferência para o Liceu do Ceará alguns meses depois da chegada da mãe e dos irmãos.

Os estudos dos filhos era, para Hermínia Bonavides, prioridade absoluta. Paulo aspirava ingressar no Colégio Militar, mas problemas de visão impediram seu ingresso. Restava o Liceu do Ceará, instituição que não discriminava os míopes. Havia, porém, outro requisito a dificultar o acesso no conceituado estabelecimento e que foi contornado de forma pitoresca.

A idade mínima para o ingresso no Liceu era de onze anos e Paulo tinha, à época em que prestou os exames, no início de 1935, apenas nove. A matreira experiência do tio Sebastião veio em seu socorro: inconformado com a estúpida possibilidade de o sobrinho vir a atrasar em dois anos a vida por força de uma fixação etária arbitrária, Sebastião tratou de "envelhecê-lo" em dois anos, tornando-o "irmão gêmeo" de Aluísio, nascido a sete de maio de 1923. Para isso, providenciou uma nova certidão de nascimento obtida em um cartório do interior do Ceará.

O resultado dos exames provou que o pequeno delito cometido por Sebastião foi compensador: Paulo classificou-se entre os primeiros colocados. A nova idade (que o acompanha até hoje, vigorando em todos os seus documentos) não causava espécie alguma porque Paulo guardava, de fato, grande semelhança com Aluísio: eram ambos loiros, de olhos azuis, e tinham quase as

mesmas feições e altura. Um bedel do Liceu, de nome João Pedro, os apelidara de "os douradinhos".

Pouco depois da chegada dos Fernandes e dos Bonavides em Fortaleza, a situação política na Paraíba se modifica por inteiro. Argemiro de Figueiredo assume a chefia do Executivo paraibano. Ernâni Sátyro que mantivera, anos antes, um escritório de advocacia em Campina Grande com o novo governador volta a cair nas graças do poder. Sebastião refaz as malas. Hermínia, porém, com visão e pulso, decide ficar. Não estava disposta a enfrentar outro revés que voltasse a desestruturar sua vida e, sobretudo, a de seus filhos. Foi assim que a história dos Bonavides passou a ser escrita na capital cearense.

No Liceu do Ceará, Paulo teve professores memoráveis como Hermenegildo Firmeza e Autran Nunes, docentes de História. Luís Mendes ensinou-lhe Geografia e Martinz de Aguiar, Português (este último era uma figura espirituosa que encantava os alunos com tiradas do tipo: "O maior filólogo do Ceará é Martinz de Aguiar, o segundo é Martinz de Aguiar, o terceiro é Martinz de Aguiar, o quarto e o quinto não existem. O sexto é Otávio de Farias e o sétimo, Joel Linhares!").

Em 1938, sentindo-se na obrigação de ajudar no orçamento familiar, Bonavides, ainda estudante do Liceu, se candidata a uma das vagas de jornalista anunciada por uma folha que circulava na praça cearense há apenas dez anos. **O Povo** nasceu

em 1928, mas foi concebido em 1927, quando Demócrito Rocha foi agredido pelo braço militar da oligarquia apodrecida em um episódio que ficou conhecido como "A Tarde dos Chacais". Comícios e protestos mostraram ao regime morredouro o tamanho da estupidez que havia cometido: ao invés de "dar uma lição em um subversivo", como, decerto, se pretendeu, deu a chancela na reputação de Demócrito Rocha como jornalista combativo.

No dia marcado para a prova de seleção dos candidatos, Paulo Sarasate Ferreira Lopes, redator-chefe do jornal, filho do maestro Henrique Jorge e genro de Demócrito Rocha, adentrou no recinto onde se realizaria o exame. Ao se deparar com aquele garoto franzino de apenas treze anos (embora tendo quinze no assento) esperando a hora da prova junto a uma dezena de rapagões, achou aquilo totalmente descabido e, sem rispidez, mas com firmeza, disparou:

— Menino, vá para casa! Isso aqui não é jardim-de-infância!

Bonavides, acabrunhado, já ia se retirando sem protestos, quando Demócrito, fundador e diretor da gazeta, que tudo observara de uma mesa ao fundo da sala, dirigindo-se ao genro, diz:

— Paulo!... Deixa o garoto fazer a prova...

O garoto fez a prova. Dois dias depois, quando os candidatos retornaram ao jornal para saber o resultado, Sarasate, com

um papel em punho, elogiava o conteúdo e anunciava que aquele era o texto do primeiro aprovado. Como não conhecia os candidatos, leu um trecho e pediu que o autor se revelasse. Bonavides, que reconhecera sua caprichada caligrafia antes mesmo que Sarasate dissesse qualquer coisa, ergueu a mão. Sarasate arregalou os olhos por trás dos óculos de aro de tartaruga e, num *mea culpa* pela injustiça que quase cometera, iniciou uma cena inversa à travada antes do concurso. Quase aos gritos, abeirou-se da mesa de Demócrito:

— Leia, leia isto!

O menear da cabeça do diretor do jornal indicava aprovação. Sarasate chama Bonavides e o apresenta a Demócrito que, sorrindo, esboça uma objeção:

— Mas é uma criança!

— Não importa —, retruca com veemência o genro — pondo um fim à questão.

Bonavides vai trabalhar sob as ordens de J. M. Othon Sidou, que era redator-secretário, escrevendo matérias na página policial. A frustração inicial de ver parágrafos inteiros desaparecerem com uma penada de Othon Sidou foi, gradualmente, sendo substituída pelo reconhecimento de que aquele amigo de toda a vida estava podando seu pendor para o prolixo e ensinando-o a redigir de forma enxuta, como cabe a um bom jornalista.



*Hermínia Fernandes, mãe de Paulo Bonavides*

Em paralelo, encerra os estudos secundários e prossegue, ainda no Liceu, durante os anos de 1940 e 1941, com o pré-jurídico. Em 1942, submete-se ao exame de admissão à Faculdade de Direito do Ceará e é, uma vez mais, bem-sucedido, sendo aprovado entre os primeiros. Tem início, então, a primeira fase de sua formação acadêmica.

Nos dois anos que cursou em nossa Salamanca, os mestres que mais o marcaram foram Telles da Cruz, de Direito Romano, e Sudá de Andrade, que ministrava Introdução ao Estudo do Direito. Tornou-se secretário-geral da União Estadual de Estudantes e orador oficial do Centro Acadêmico Clóvis Beviláqua. Entre os amigos mais próximos deste período destacam-se Plácido Marinho de Andrade, Miramar da Ponte, Vicente Paulo de Siqueira, Valnir Chagas, Hesíodo Facó, José Audísio de Sousa e Moreira Campos.

## CAPÍTULO 3

*Quem reconhecido recebe,  
abundante colheita obtém.*

**William Blake**, *O matrimônio do  
céu e do inferno.*

### **HARVARD MAN**

O ano de 1944 iniciou dando fortes sinais de que o fim da Segunda Guerra Mundial estava próximo. Alemães e japoneses sofriam pesadas baixas e estavam sendo expulsos dos territórios ocupados.

Os Estados Unidos, preocupados em preservar e ampliar sua influência no continente americano, haviam iniciado, anos antes, a Política da Boa Vizinhança, fase inteiramente nova nas relações internacionais com os países ibero-americanos. Os modelos anteriores, de tão truculentos, marcaram para sempre, na consciência latina, a imagem de que seu poderoso e arrogante vizinho do Norte julgava as terras ao sul do Rio Grande seu vasto e exclusivo quintal, onde podiam fazer o que bem entendessem ("A América para os america-

nos!", lema da Doutrina Monroe, ao qual o jornalista cearense João Brígido aditou um apropriado "do Norte!", resumia a política intervencionista cujo auge dera-se com Theodore Roosevelt e a sua política do *Big Stick*).

A guerra obrigou Washington a uma postura mais cordial. Em 1940, foi criado o *Office of the Coordinator of Inter-American Affairs* (OCIAA), designado vulgarmente, no Brasil, por Birô Interamericano. Franklin Delano Roosevelt nomeia Nelson Rockefeller para a chefia do órgão que o próprio magnata havia idealizado. A superagência passa a dirigir projetos de saúde, comunicação e de interesses culturais, comerciais e financeiros.

O pan-americanismo estadunidense trouxe Orson Welles ao Ceará em 1941, para filmar a aventura de jangadeiros do Mucuripe para um episódio de uma obra que nunca completou, *It's all true*. Repórter d'**O Povo**, Bonavides não pôde entrevistar Welles que, sob o cerco dos Diários Associados de Assis Chateaubriand, era, mesmo sem saber, exclusividade do *Correio do Ceará*. Em compensação, entre 1943 e 1944, realizou uma série de entrevistas com intelectuais e políticos brasileiros, quando de uma viagem ao Rio de Janeiro acompanhando uma delegação esportiva, dentre os quais, Carlos Drummond de Andrade, Jorge Amado, José Américo de Almeida e Gustavo Capanema.

A Política da Boa Vizinhança e Bonavides acabariam se encontrando três anos depois. A *Nieman Foundation* fez um

convite, em 1944, à direção do jornal **O Povo** a fim de que indicasse alguém de seus quadros para participar naquele ano do grupo dos *Nieman Fellows*, programa patrocinado pela OCIAA, com direito a estada em uma universidade norte-americana, na condição de visitante, e permissão para freqüentar cursos regulares ministrados na instituição eleita bem, como ainda, liberdade para trabalhar reportagens e realizar entrevistas.

Demócrito pensa inicialmente em indicar Sarasate. O genro, porém, declina o privilégio por já estar fortemente empenhado em seus projetos políticos que culminariam com sua eleição para o governo do Ceará em 1955. A unção passa, assim, para o *enfant terrible* da redação.

A OCIAA não havia ainda definido qual a Universidade para onde iria o convidado. Respondendo a uma consulta sobre qual seria sua preferência Bonavides, sentindo-se audacioso, respondeu que gostaria de uma vaga na Universidade de Columbia, apontada com base no mais "puro ouvir dizer" que era a melhor para um curso de viés jornalístico. A escolha, entretanto, recaiu, para imensa surpresa geral, na Universidade de Harvard, a mais prestigiada instituição acadêmica estadunidense.

O jornalista d'**O Povo** chega à cidade de Cambridge, nos arredores de Boston, estado de Massachusetts, no final do outono. "O vento glacial da Nova Inglaterra é o meu pesadelo", registra em um artigo. "Dizem que amanhã teremos a neve", adenda preocupado o

nordestino criado na ante-sala do inferno chamada, por eufemismo, de região semi-árida. "Estou antevendo como não vai ser grande o meu sofrimento (...) preciso andar sempre agasalhado, vigilante, contra esse clima que nunca conheci na vida", conclui.

Aos poucos, porém, habitua-se à vida espartana de estudante no campus. As noites em Adams House são preenchidas com muita leitura. No refeitório, nos prédios e pátios centenários, algumas das mentes mais brilhantes da época (alunos e professores) se esbarravam diariamente. Enquanto comia seu *breakfast* ou andava pelos corredores, Bonavides contemplava celebridades como George Santayana, filósofo espanhol; Clarence Haring, historiador norte-americano e grande amigo de Gilberto Freyre; Heinrich Brunning, ex-chanceler da Alemanha que encontrara refúgio na América durante a ascensão do nazismo, assim como outros intelectuais alemães e italianos que discordavam de Hitler e Mussolini, dentre eles, em especial, o professor Carl Joachim Friedrich, que ensinava, antes do exílio, Direito Constitucional em Heidelberg e para lá retornou findada a guerra. Dentre os alunos ilustres do ano anterior à sua chegada, destaca-se a figura de John Fitzgerald Kennedy que, em 1944, já estava lutando no teatro de guerra do Pacífico.

Cursou Sociologia da Fome, da Guerra e da Revolução, ministrado por Pitirim Alexandrovitch Sorokin, sociólogo russo, ex-secretário de Alexander Kerensky que foi preso pelos bolche-



*Aos pés da estátua de John Harvard, três Nieman Fellows: Antonio Andrade (Chile), Luc Grimard (Haiti) e Paulo Bonavides (Brasil)*

viques e teve a execução ordenada por Lenin, sendo depois comutada em pena de exílio.

Dentre as principais idéias de Sorokin, desenvolvidas ao longo de sólida bibliografia, destaca-se sua análise da estratificação e da mobilidade social. Naquele ano, em Harvard, Sorokin, cujo prenome fora anglicizado pelos colegas e alunos para Peter, perdia para seu grande rival, Talcott Parsons, o comando do Departamento de Sociologia que, desde 1930, controlava.

Freqüentou, por igual, as aulas de Sociologia Jurídica proferidas por Roscoe Pound, maior expoente da Jurisprudência Sociológica. Durante a Segunda Grande Guerra, Pound, que fora inicialmente influenciado pelo pragmatismo de William James, o historicismo e a filosofia utilitarista, abrandou a sua posição empirista ao recepcionar o idealismo da doutrina jusnaturalista tornando-se um dos principais referenciais teóricos nos julgamentos dos criminosos de guerra, realizados em Nuremberg.

O inglês triturado de Pound, já septuagenário na década de 1940, dificultava ainda mais a compreensão da matéria para quem não tinha a língua inglesa como materna. Bonavides acalmou-se quando constatou que ao fim de cada preleção, proferida no mais puro estilo coimbrão, Pound perguntava aos alunos se alguém tinha alguma pergunta com um *solene any questions?* e, durante todo o semestre, receberia sempre o silêncio respeitoso e sepulcral da turma de Bonavides como resposta.

Acervo de família



*Paulo Bonavides e Nelson Rockefeller*

Escreveu, durante a temporada em Harvard, cerca de 70 artigos para **O Povo**, que foram também reproduzidos no jornal paraibano *A União*. Entrevistou, entre outros, Upton Sinclair, escritor norte-americano de viés socialista, que havia sido candidato a governador da Califórnia e era autor de best-sellers como *A selva*. Pierre Van Paassen, escritor de origem holandesa e sionista, e James Bryant Conant, reitor da Universidade de Harvard, também concederam-lhe entrevistas exclusivas.

A postura de Conant, durante a entrevista concedida em 14 de novembro de 1944, causou estranheza ao estudante brasileiro pelo excesso de confiança em relação aos desdobramentos da guerra que, apesar dos ventos favoráveis aos Aliados, ainda não estava decidida. Meses depois, Bonavides pôde compreender as razões que levavam Conant a demonstrar tanta convicção naquele dia: químico com brilhante reputação, tomara parte no Projeto Manhattan que resultou na invenção da bomba atômica.

Quando Franklin Delano Roosevelt faleceu, em 12 de abril de 1945, uma profunda consternação tomou conta dos Estados Unidos. Um dos grandes arquitetos da vitória dos Aliados, tal como Moisés, não vira a Terra Prometida: perdera, por vinte e seis dias, a rendição incondicional da Alemanha.

Um mês depois, antes que o Japão repetisse o mesmo gesto, Bonavides, após um coquetel de despedida com a presença de Nelson Rockefeller (que chegaria a ser vice-presidente de seu país de 1974 a 1977), regressa ao Brasil. Levava na bagagem um diploma inestimável, mas que lhe custara dois anos da Faculdade de Direito.

## CAPÍTULO 4

*Foi um período de trabalho árduo, mas também de intensa realização profissional e efetiva redenção pessoal.*

**Raimundo Bastos de Oliveira, *Fatias de pão.***

### **SUOR E RECONHECIMENTO**

De volta a Fortaleza, o desgosto por ter perdido o elo com os colegas que o acompanhavam desde o pré-jurídico, impeliu-o a tomar uma solução cartesiana: embarca para o Rio de Janeiro almejando terminar o curso jurídico estudando com os mais conceituados juristas do País.

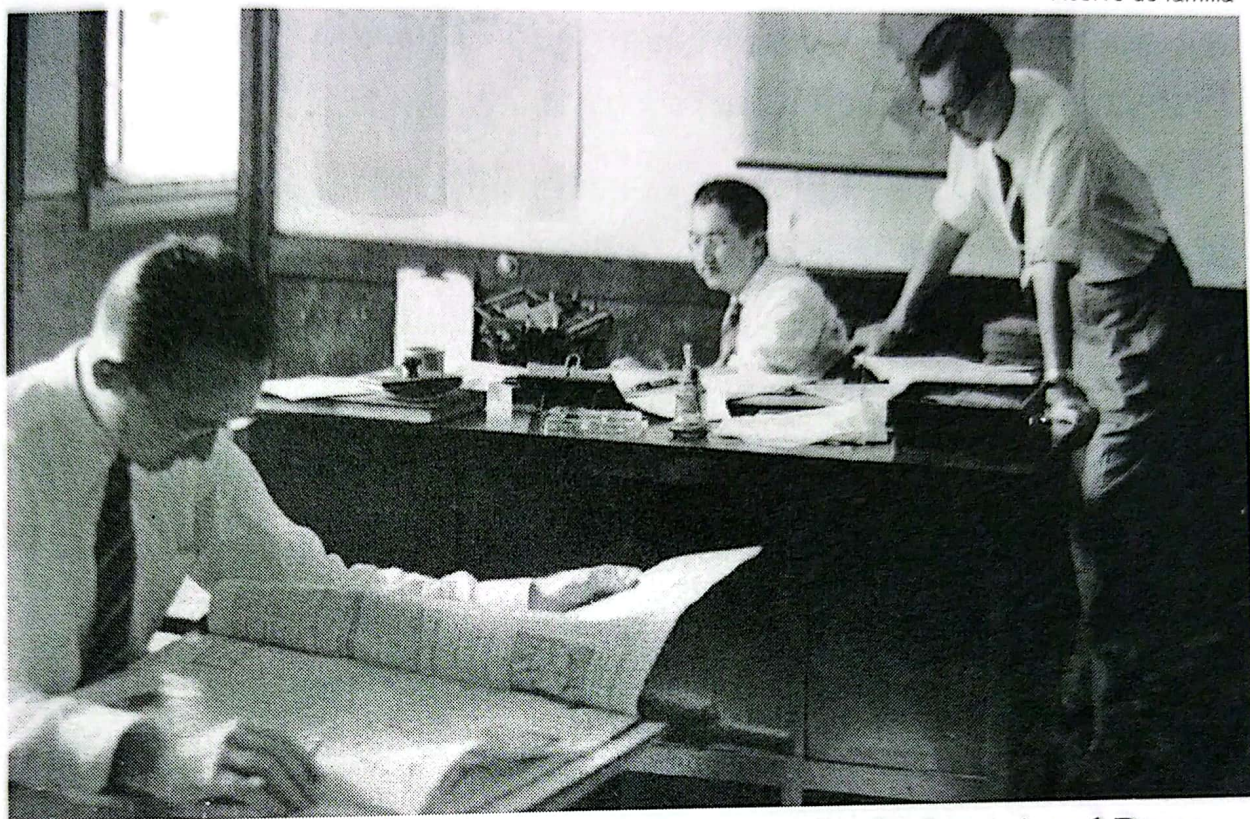
Ao chegar à capital federal, na manhã de 30 de outubro de 1945, um dia depois da deposição de Vargas, encontrou as ruas da cidade maravilhosa coalhadas de blindados, em razão dos acontecimentos do dia anterior.

Aproveitando os dois anos cursados no Ceará, termina a graduação em três anos. O diploma da Universidade do Brasil lhe é conferido no dia 22 de dezembro de 1948. Dentre os mestres com os quais estudou destacam-se grandes nomes, verdadeiros monstros sagrados, como Joaquim Pimenta, cujas aulas de Direito do Trabalho eram absolutamente inesquecíveis; Haroldo Valadão, professor de Direito Internacional Privado; Hannemann Guimarães, que ministrava Direito Civil; Lineu de Albuquerque Melo, responsável por Direito Internacional Público; Castro Rebelo, no ensino de Direito Comercial; e Pedro Calmon, que era o titular da cátedra de Direito Constitucional.

Enquanto concluía a faculdade, não deixou de trabalhar. Independente, do ponto de vista financeiro desde tenra idade, não seria agora que iria dar despesas à família. Em curto espaço de tempo estava a serviço da célebre agência de notícias *Associated Press*, onde permaneceu de 1946 até 1948, tendo redigido cerca de 400 artigos, notas e entrevistas sobre aspectos da vida política, econômica, cultural e social do Brasil que foram publicados em diversos periódicos mundo afora.

Acompanhava com regularidade as movimentações no Supremo Tribunal Federal e na Assembléia Constituinte que promulgaria a Carta Magna de 1946. Em 1947, entrevistou o general George Marshall, idealizador do plano de reconstrução da Europa que levou seu nome, enquanto este aguardava, no Galeão, a

Acervo de família



*Paulo (lendo jornal) e dois colegas na sede da Associated Press no Rio de Janeiro*

chegada do presidente americano Harry Truman por ocasião da Conferência Interamericana para a Manutenção da Paz e da Segurança no Continente. Incontáveis personalidades se tornaram alvos de suas perguntas: Getúlio Vargas, quando da sua primeira aparição no Rio de Janeiro na condição de ex-ditador, Luís Carlos Prestes, José Linhares, então presidente do Supremo Tribunal Federal, além dos demais ministros que compunham a mais alta Corte pátria, parlamentares constituintes, embaixadores, presidentes latino-americanos em visita ao Brasil, entre outros.

No dia 23 de junho de 1948, a Academia Brasileira de Letras confere a Paulo Bonavides o Prêmio Carlos de Laet, e logo pelo

seu primeiro livro, *Universidades da América*, publicado em 1946 com prefácio de Gilberto Freyre.

O prestígio derivado da condecoração abriu-lhe portas. Ao se diplomar, deparava-se com três principais opções: a primeira era ir para Nova York e chefiar, de lá, a seção latino-americana da Associated Press; a segunda era permanecer no Rio de Janeiro e ingressar no escritório de advocacia de Vítor do Espírito Santo (autor da histórica coluna Nota Carioca) e de Calheiros Bonfim (que chegou a presidir o IAB); a terceira alternativa era regressar ao Ceará.

Dona Hermínia foi ao Rio assistir à formatura e pediu-lhe que voltasse ao Ceará para que ela pudesse tê-lo a seu lado "durante os poucos anos que lhe restavam". Após refletir sobre o assunto, resolveu atender ao pedido da mãe. Esta decisão norteou o resto de sua vida e dela, saliente-se, nunca se arrependeu.

Logo que regressou, voltou a colaborar no jornal de Demócrito Rocha e, atendendo a convite do governador Faustino de Albuquerque e de Virgílio Távora, foi ser redator-chefe do *Diário do Ceará*, aproximando-se do professor Heribaldo Dias da Costa e passando a funcionar como seu assistente na cátedra de Introdução à Ciência do Direito, conduzida na Faculdade de Direito pelo venerando professor.

A partir de 1949, começa a ensinar Sociologia Educacional no Instituto Justiniano de Serpa, a antiga Escola Normal, e no Colégio Lourenço Filho. Em 1950, publica uma de suas obras

Acervo de família



*Bacharel em Direito*

menos conhecidas: *The golden age of journalism in english literature*. Em 1951, torna-se professor catedrático de Sociologia Educacional no Instituto Justiniano de Serpa, onde iria permanecer até o ano de 1958. No ano seguinte, publica um livro de ensaios e crônicas intitulado *O tempo e os homens*.

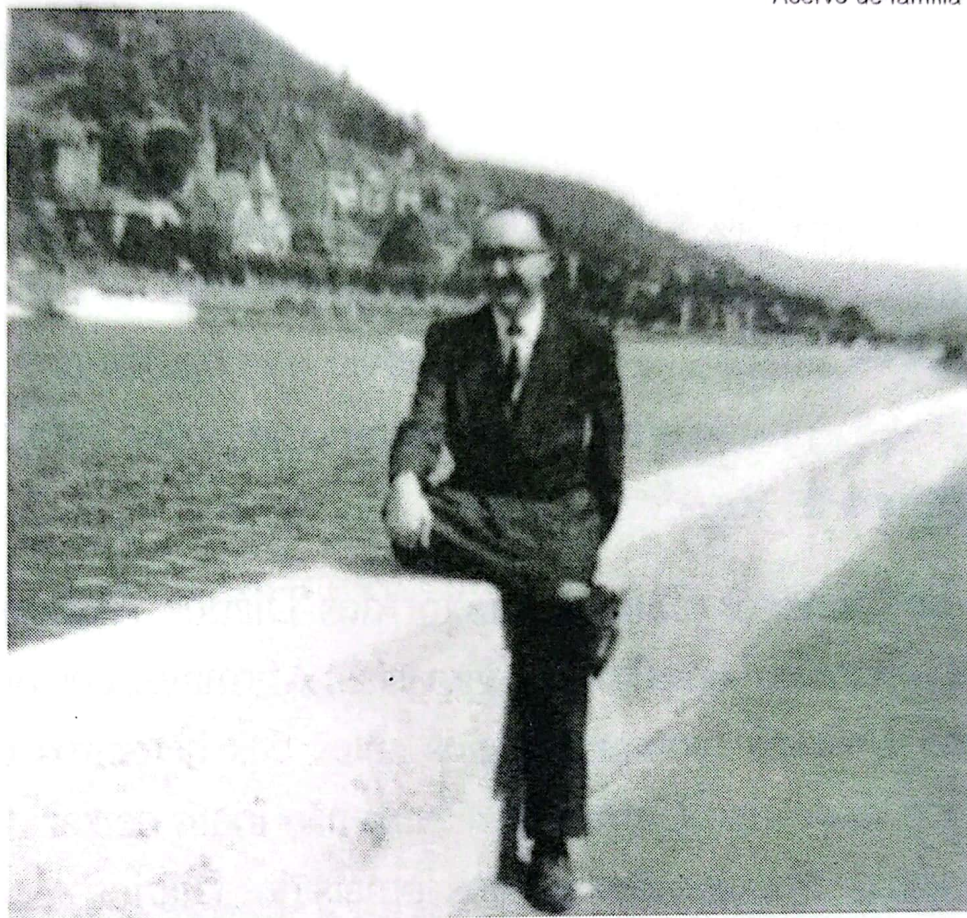
Ainda corria o ano de 1952, quando Bonavides viaja à Alemanha pela primeira vez, a convite do professor Harri Meier,

para lecionar Literatura Brasileira no Seminário Românico, em Heidelberg, sede da mais antiga universidade germânica. Bonavides haveria de retornar uma dezena de vezes a este país que passou a ser, de certa forma, sua segunda pátria. Lá, reencontraria Carl Joachim Friedrich, e firmaria amizades com grandes nomes da antiga e nova geração de pensadores do Direito e da Política na Europa tais como Walter Jellinek (filho do famoso Georg Jellinek), Konrad Hesse, Theodor Viehweg, Ernst Forsthoff, Martin Kriele, Klaus Stern, Ulrich Klug, Friedrich Mueller e o espanhol Felipe González Vicén, entre outros.

Aproveita a primeira temporada para aprimorar seu alemão (língua que já dominava, assim como o inglês e o francês, sendo fluente, ainda, na leitura de textos em espanhol, italiano, latim e grego) e enriquecer a biblioteca particular adquirindo raridades em sebos de Heidelberg a preços irrisórios, um fruto do pós-guerra. Reza a lenda ter comprado junto a um velho livreiro suíço, de nome Schuman, diversos exemplares que pertenceram à biblioteca particular de Hans Kelsen, autor de *Teoria pura do direito*. Antes de mudar-se da Áustria para os Estados Unidos, o Mestre de Viena tivera de se desfazer deles. O constitucionalista e o cientista político que gestavam em Bonavides devem muito a este período.

Pouco antes da viagem à Alemanha, ajudara a recriar, em abril de 1951, a Associação dos Jornalistas Profissionais do Ceará, tendo sido eleito seu primeiro presidente. Em 26 de maio de 1953,

Acervo de família



*Às margens do rio Neckar, em Heidelberg, Alemanha*

esta entidade se transforma no Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Ceará e Bonavides, mesmo estando na Alemanha, é aclamado seu primeiro presidente, o que constitui, indubitavelmente, uma prova do gigantesco prestígio que gozava entre os colegas da imprensa cearense. Recebe, em consequência, a carteira de sócio número um do Sindicato. A notícia de sua eleição chega a seu conhecimento através de uma carta que Olavo de Sampaio lhe endereça. Antônio Moreira Albuquerque exerceu a presidência interina até o retorno de Bonavides. Somente em 10 de outubro de 1953, já de volta ao Ceará, é que assume efetiva-

mente a presidência do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Ceará, permanecendo no cargo até 1956.

Em maio de 1954, sob sua liderança, a categoria realiza a primeira greve de jornalistas do Ceará. A paralisação não se deveu a reivindicações salariais, mas, por incrível que pareça nos dias de hoje, em solidariedade a Nestor Moreira, colega que fora trucidado pela polícia do Rio de Janeiro.

João de Medeiros Calmon, diretor dos Diários Associados no Ceará, foi o principal opositor dos grevistas. Afirmava, convicto, que o matutino *Unitário* (comprado anos antes dos herdeiros de João Brígido) e o vespertino *Correio do Ceará* não iriam deixar de circular. A *Gazeta de Notícias* aliou-se aos jornais dos Diários Associados na crítica à greve. Somente **O Povo** apoiou a indignada categoria.

Ao perceber que Calmon articulava para que o movimento grevista malograsse, fato que desmoralizaria para sempre a autoridade do Sindicato, Bonavides empreendeu diálogo com os gráficos e acabou por unir forças com este setor estratégico a fim de que quando a paralisação fosse decretada não caísse no ridículo, por restar inócua. João Calmon não antecipou o estratagema e a greve foi vitoriosa!

Tão logo os jornais voltaram a circular, Calmon, ainda furioso, mandou estampar, nos jornais alencarinos de Chateaubriand, a seguinte manchete: "Greve Ilegal!". Era a vingança tardia de um mau perdedor...

# CAPÍTULO 5

*Não nos afastemos muito, vamos de  
mãos dadas.*

**Carlos Drummond de Andrade,**  
*Mãos dadas in Sentimento do mundo.*

## **HOMEM DE FAMÍLIA E PROFESSOR UNIVERSITÁRIO**

Yêda Wanderley Sátyro e Paulo Fernandes Bonavides tinham uma prima em comum. Ela era filha de Doralice Wanderley Sátyro e Clóvis Sátyro e Sousa que, por seu turno era filho do major Miguel e irmão de Emília, esposa de Sebastião Fernandes, tio materno de Bonavides.

Em 1950, Yêda veio conhecer Fortaleza com a tal prima e findou por ter um curto namoro com Paulo.

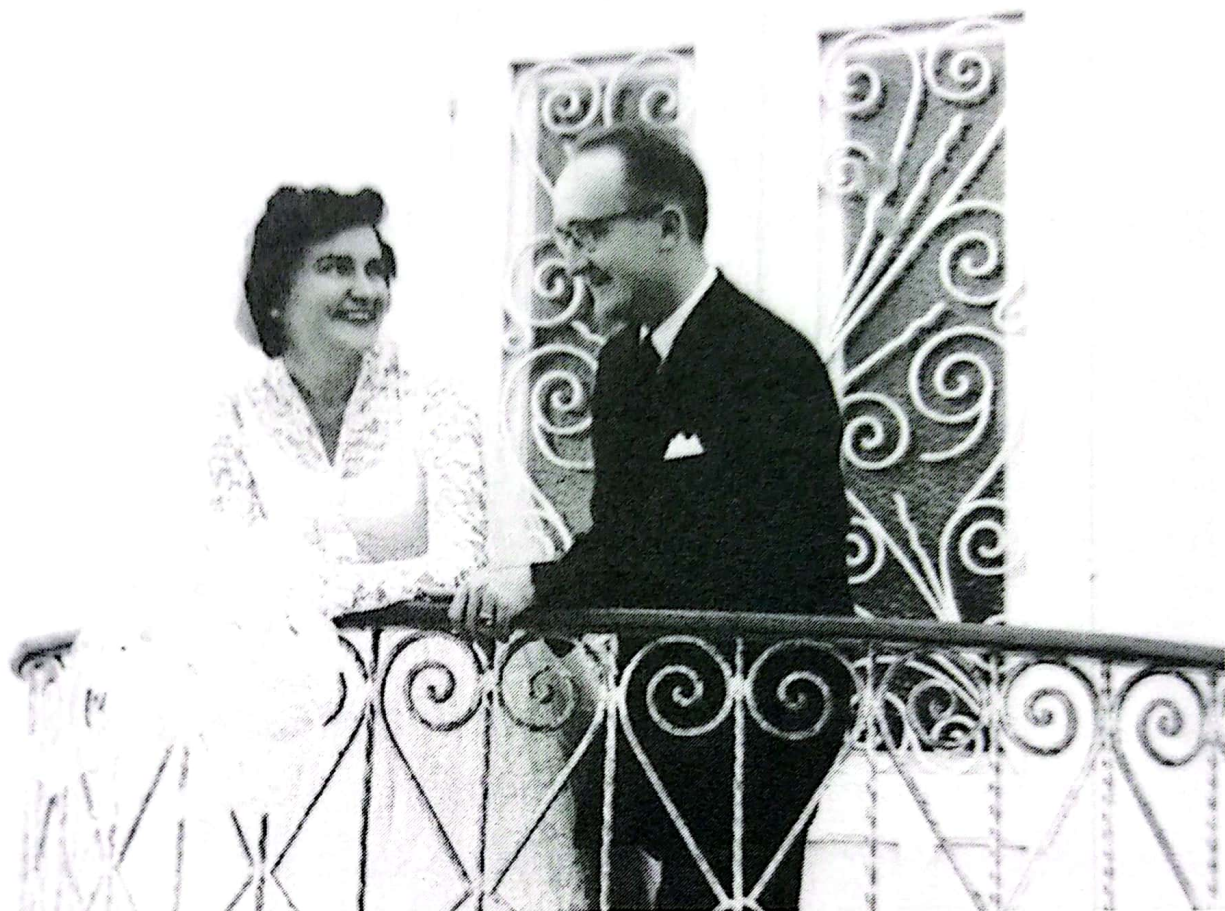
Ao regressar da Alemanha, em 1953, Paulo reencontra Yêda e o namoro é reatado. Em curto espaço de tempo noivam e o casamento se dá em dezembro de 1954. Sete filhos abençoaram esta aliança: Paulo Júnior, Vera, Clóvis, Gláucia, Doralice, Marília e Márcio.

O equilíbrio da vida familiar consolidou o espaço necessário para o desenvolvimento dos projetos de Paulo Bonavides. Yêda Sátyro Bonavides torna-se a companheira de toda a vida que poucos têm a sorte de encontrar. Sem ciúmes dos livros, compreendendo as necessidades do marido, toma as rédeas da casa e passa a administrar os afazeres domésticos e a algazarra das crianças de forma que o menor tempo possível de estudo, pesquisa e trabalho do cônjuge lhe fosse subtraído. Não é nenhuma sandice afirmar que, sem sua esposa, Bonavides jamais teria realizado os feitos das cinco décadas seguintes.

Em 1955, publica *Dos fins do estado*. No ano seguinte, é o orador da delegação brasileira na abertura do Encontro Internacional de Jornalistas, realizado em Helsinque, na Finlândia. Após o evento, visita a União Soviética e, novamente, a Alemanha.

Em junho de 1958, presta concurso para a Cátedra de Teoria Geral do Estado da Faculdade de Direito da Universidade Federal do Ceará, defendendo a tese intitulada *Do estado liberal ao estado social* e conquista, de uma só tacada, os títulos de Doutor em Direito e Livre-Docente pela Universidade Federal do Ceará, bem como o cargo de professor catedrático.

Acervo de família



*Yêda e Paulo: recém-casados*

A banca examinadora era formada pelos professores Miguel Reale, de São Paulo (mundialmente famoso por ter desenvolvido uma Teoria Tridimensional do Direito); Orlando M. Carvalho, de Minas Gerais; Orlando Bittar, do Pará, e dois mestres da casa, Flávio Marcílio e Lauro Nogueira. Sentados à mesa principal da sala da Congregação, aguardavam que as notas do concurso fossem postas no quadro-negro. Uma década depois, lembrou em uma entrevista: "Cada resultado de prova que se anunciava era u'a pancada de emoção. De súbito, prorromperam os circunstantes numa salva de palmas que estrondou por todo recinto. As notas me davam a cátedra."

*Do estado liberal ao estado social* torna-se um clássico instantâneo e colhe elogios de juristas e escritores do quilate de Joaquim Pimenta, Victor Nunes Leal, Cabral de Moncada, Oswaldo Trigueiro, Pinto Ferreira, Plínio Barreto, entre outros.

No mês seguinte ao concurso, já embarcava outra vez com destino à terra de Goethe, desta feita por designação da Reitoria, em missão de caráter cultural, visitando diversas universidades.

Em 1962, três episódios marcam a vida da família e, curiosamente, todos eles se relacionam a um pequeno sítio em Guaiúba, distante cerca de quarenta quilômetros de Fortaleza, que Bonavides adquirira com a intenção de ser o local de repouso e recreação para os finais de semana.

Logo em uma das primeiras estadas, a filha Gláucia, na época um bebê, adoece e, ardendo em febre, leva a família a regressar para Fortaleza durante a noite, por uma estrada que não era asfaltada e nem iluminada. Pouco tempo depois, Yêda resolve ir nadar na lagoa que ficava próxima da casa e quase se afoga. Foi nesse dia que os banhos de infância valeram a Paulo as braçadas que salvaram a esposa. Finalmente, em uma terceira ocasião, tomaram o café da manhã na casa e partiram de volta a Fortaleza. Poucos minutos depois, o alpendre desaba, deixando, por um triz, de causar um sério acidente. A casa foi, então, vendida.

Acervo de família



*Marília, Doralice, Clóvis, Vera, Yêda, Gláucia, Paulo, Paulo Júnior e Márcio*

Em 1964, o País volta a viver sob um regime ditatorial que teve seus anos mais sombrios de 1967 a 1974. Paulo nunca chegou a ser preso, mas teve seus passos vigiados de perto. Suas aulas eram gravadas. Alunos e amigos que vinham a ser detidos e interrogados eram questionados sobre suas atividades. Rotineiramente era seguido da Faculdade de Direito até sua casa.

Era compreensível a obstinação dos arapongas do regime: fora tratar-se de um democrata convicto, tinha a situação agravada por ser irmão de um destacado líder comunista, Anníbal. Para quem achava *A capital*, de Eça de Queiroz, como sendo uma obra perigosa pelo fato de ser quase homônima do clássico marxista, havia

motivos suficientes para suspeitar que aquele jornalista e professor era um potencial subversivo e precisava ser monitorado.

Paulo, contudo, nunca comungou com as idéias do irmão mais velho. Apesar de nutrir certa simpatia pelo trotskismo, desde quando começou a desenvolver uma consciência política (ainda em 1936, seguindo os movimentos da Guerra Civil Espanhola) acreditou que uma democracia plural era o melhor sistema político concebido pelo homem por dar abrigo às diversas correntes ideológicas e permitir o rodízio delas no poder, segundo o juízo soberano do povo. Por tal posicionamento, eclético e avançado em relação ao de seus contemporâneos, muitas vezes foi incompreendido por "intelectuais" da direita (que não admitiam que a esquerda sequer tivesse espaço para atuação política no País) e da esquerda (pregadores de uma revolução que, igualmente autoritária, suprimiria o ideário liberal e burguês das alternativas políticas ao implantar uma ditadura do proletariado).

Apesar do clima político amargo que afetava a Faculdade de Direito de forma mais intensa, por ser um centro formador de opiniões, Bonavides construiu sólidas amizades neste período com professores e alunos. Dentre os colegas de magistério, além dos antigos companheiros Miramar da Ponte e Vicente Paulo de Siqueira, João Perboyre e Silva, Madaleno Girão Barroso e Amorim Sobreira completavam o círculo mais íntimo.

Acervo de família



*Paulo Bonavides por ocasião do concurso de Cátedra*

Em 1967, vem à lume duas de suas mais famosas e importantes obras: *Ciência política*, prefaciada pelo ministro Oswaldo Trigueiro e pela qual recebeu o Prêmio Clóvis Bevilácqua da Universidade Federal do Ceará, e *Teoria do estado*. Enquanto a maioria dos estudiosos do Direito no Brasil ainda cultuava juristas franceses e italianos, a moderna doutrina alemã continuava sendo uma ilustre desconhecida no Brasil. Bonavides faz parte do quadro de autores que foram decisivos na inserção do pensamento teutônico em solo pátrio.

Ainda em 1967, é convidado para participar de congressos na Espanha: o IV Congresso Hispano-Luso-Americano-Filipino de

Municípios, em Barcelona e o 21<sup>o</sup> Congresso Mundial do Institut International de Sociologie, em Madrid.

Dois anos depois, publica *A crise política brasileira*, obra prefaciada por Afonso Arinos de Melo Franco, e é convidado a tomar parte no IV Congresso Argentino de Sociologia, em Buenos Aires. No ano seguinte, viaja para a Europa representando o Instituto Clóvis Beviláqua na VIII Semana de Estudos Sociais, em Barcelona, na Espanha e visita, pela quarta vez, a Alemanha. É, ainda, eleito para ocupar a cadeira de número 17 da Academia Cearense de Letras.

Em 1972, participa do XVIII Congresso Nacional de Sociologia, no México e, em 1973, lança *Reflexões: política e direito* e, em colaboração com o professor Roberto Amaral (ministro da Ciência e Tecnologia do presidente Luís Inácio Lula da Silva), uma obra de vulto denominada *Textos políticos da história do Brasil* cuja mais recente edição, publicada pelo Senado Federal, conta com mais de 8.000 páginas perfazendo um total de dez volumes.

O ano de 1974 não traz bons ventos. Este é o ano de sua quinta viagem à Alemanha, mas, também, foi quando sua mãe, Hermínia, às vésperas de completar noventa anos de idade, sofreu uma desastrada queda da qual não mais se recuperou. Drummond disse que se fosse rei do mundo baixaria uma lei (que todos nós aprovaríamos): *mãe não morre nunca, mãe ficará sempre junto de seu filho e ele, velho embora, será pequenino feito grão de milho.*

# CAPÍTULO 6

*Qual a verdadeira essência de uma  
Constituição?*

**Ferdinand Lassalle**, *O que é uma  
constituição política?*

## **○ NOTÁVEL REBELDE**

Ao contrário do que ocorrera com a sua idade, Paulo Bonavides tem a sua naturalidade legalmente retificada em 4 de agosto de 1977, quando recebe o Título de Cidadão Cearense, em sessão solene na Assembléia Legislativa do Ceará que havia votado a lei responsável pela homenagem. No ano seguinte, ingressa na Academia Cearense de Letras Jurídicas, vindo a ocupar a cadeira de número 29, cujo patrono é Raimundo de Farias Brito.

Com o surgimento dos cursos de pós-graduação da Faculdade de Direito da Universidade Federal do Ceará, em 1978,

Bonavides torna-se professor de Filosofia do Direito e do Estado no Curso de Mestrado em Direito Público e, até hoje, continua a ministrar aulas no Curso de Mestrado, apesar de já ter ultrapassado a idade de jubileamento. Isto porque, de seu lado, a inatividade é algo impensável e, do lado institucional, prevaleceu o bom senso: após sua aposentadoria compulsória, a Universidade Federal do Ceará contratou-o como professor visitante, fato que contribuiu para a manutenção do bom conceito do Curso de Mestrado que sofreria um abalo com o afastamento do docente mais ilustre da casa.

No ano de 1979, os principais constitucionalistas brasileiros se reuniram na cidade paulista de São Bernardo do Campo, cujo prefeito era, à época, o professor Tito Costa, hoje famoso por suas obras de Direito Eleitoral. Lá, discutiram sobre a necessidade e a conveniência de se criar uma entidade que funcionasse como um catalisador dos estudiosos dispersos pelos quatro cantos do País.

A fundação do Instituto Brasileiro de Direito Constitucional (IBDC) não foi um mero evento social. Foi um marco político cuja repercussão se pôde medir pela atitude de Paulo Maluf, então governador de São Paulo, que mobilizou uma tropa da Polícia Militar paulista, homens, cavalos e armas, numa tentativa de intimidar e dispersar os participantes do evento.

Paulo Lopo Saraiva foi quem chamou a atenção de Bonavides para o cerco. A exemplo do que ocorrera vinte e

cinco anos antes, em Fortaleza, quando presidente do Sindicato dos Jornalistas, o espírito destemido de Bonavides lidera os colegas para não se dobrarem a uma provocação tão covarde e estúpida. Sai do evento coroadado: além de membro fundador, é eleito por seus pares para ser o primeiro presidente do IBDC, cargo no qual permaneceu até 1987.

Antes que a década de 1970 se encerrasse, Bonavides retorna uma vez mais à Alemanha, desta feita para uma conferência na Universidade de Colônia sobre o tema "Introdução à História Constitucional do Brasil" seguida de um novo périplo por várias universidades germânicas.

Em 1980, recebe convite para participar, em Roma e na Universidade de Perugia, do *Colloquio Italo-Latino Americano di Diritto Costituzionale* e lança *Direito constitucional* obra que, a partir da quarta edição, ao passar da Editora Forense, do Rio de Janeiro, para a Editora Malheiros, de São Paulo, recebe o título de *Curso de direito constitucional*.

A fundação da *International Association of Constitutional Law*, no ano seguinte, em Belgrado, conta com o trabalho de Bonavides como um dos vinte e dois seletos membros, representantes de vinte e dois países, que compunham o denominado Comitê de Iniciativa e toma parte do 1º Congresso Mundial da entidade, realizado alguns meses depois.

Em 1982, recebe, das mãos do governador Virgílio Távora, a mais alta condecoração do Estado do Ceará, a Medalha da Abolição, conferida "por serviços de notória relevância prestados ao Estado". Participa, ainda, das *IV Jornadas Internacionales de Derecho Constitucional y Político*, na Universidade de La Plata, Argentina, e volta à Alemanha onde, a convite do reitor Wiedemann e do professor Martin Kriele, ministra aulas na Faculdade de Direito da Universidade de Colônia na condição de professor visitante.

Exatos quarenta anos depois de ter pisado em solo estrangeiro pela primeira vez, Bonavides regressa à nação que o iniciou como homem do mundo. É como professor visitante que ministra conferências na Casa Internacional e rege um curso de Direito Constitucional na Faculdade de Direito da Universidade do Tennessee, em Knoxville. Empreende viagem para a Universidade de Albany, no Estado de Nova York, e participa, na qualidade de representante e enviado especial da Faculdade de Direito da Universidade do Tennessee, de um Colóquio sobre Direito Comparado promovido pela Faculdade de Direito da Universidade de Tulane, em New Orleans.

Naquele ano, no Brasil, publicaria *Formas de estado e de governo* e verteria do alemão para o português obra intitulada *Normas jurídicas e análise lógica – correspondência Kelsen-Klug* que contaria com um prefácio especial de Ulrich Klug para a edição brasileira.

Acervo de família



*Recebendo a Medalha da Abolição das mãos do governador Virgílio Távora*

Em 1985, com a vitória de Tancredo Neves no Colégio Eleitoral, o regime imposto pelos militares chegava a seu termo e a nação, respirando outra vez o doce aroma da democracia, demandava por uma nova Constituição. Em agosto daquele ano, foi instituída a Comissão de Estudos Constitucionais, que ficaria conhecida como "Comissão dos Notáveis".

Paulo Bonavides foi convidado para compor a "Comissão dos Notáveis". Após instalada, feitas as primeiras reuniões,

Bonavides renunciou, através de carta dirigida ao presidente da Comissão, Afonso Arinos, expondo os motivos de seu ato: entendia que o papel da Comissão deveria se restringir a indicar as linhas mestras para a elaboração da nova Constituição brasileira e servir como um órgão de consulta e não, como acabou se fazendo, confeccionar um projeto de Constituição para o País que servisse de base à nova Carta Magna. A seu ver, tal medida seria uma usurpação dos poderes da Assembléia Constituinte.

O grupo majoritário dos intelectuais que compunha a "Comissão dos Notáveis", entretanto, entendeu poder escrever, em um gabinete com ar refrigerado, a Constituição brasileira e entregá-la pronta para uma mera chancela da Assembléia Constituinte. A pretensão foi recompensada com um vexame: o projeto, tão logo concluído, seguiu diretamente para a lata do lixo.

Bonavides antevira, pois, a desastrosa e humilhante cena que os notáveis terminariam protagonizando. Talvez a lição de Lassalle o tenha ajudado na decisão de se afastar da Comissão: "Onde a Constituição escrita não corresponder à real, surge um conflito que não é possível evitar e, mais dia menos dia, a Constituição escrita, a folha de papel, sucumbirá forçosamente perante a Constituição real, a das autênticas forças vitais do País."

Miguel Seabra Fagundes e Fábio Konder Comparato seguiram o exemplo de Paulo Bonavides resignaram à condição de

membros da "Comissão dos Notáveis" por também discordarem dos rumos definidos pelos demais componentes.

Ainda em 1985, *Política e constituição: os caminhos da democracia* é publicada e Bonavides torna-se membro do Conselho Editorial do jornal **O Povo**, instituído naquele ano, ao lado de Rachel de Queiroz, Adísia Sá, Carlos D'Alge, Paulo Elpídio e outras figuras de destaque. Foi o principal redator da Carta de Princípios criada para nortear o mais tradicional órgão da imprensa cearense.

Em 1986, surge uma de suas obras mais importantes, *Constituinte e Constituição: a democracia, o federalismo e a crise contemporânea*. Neste mesmo ano, recebe, em Brasília, a Medalha do Congresso Nacional, no grau de oficial, e faz nova viagem à sua fraterna Alemanha para realizar estudos e pesquisas na área de Direito Constitucional e Ciência Política e participar do Encontro Anual da Seção Alemã da Associação Internacional de Filosofia do Direito e Filosofia Social.

Em 1987, é convidado a participar do Segundo Congresso Mundial da *International Association of Constitutional Law*, celebrado na França, em Paris e Aix-en-Provence. No ano seguinte, lança mais duas obras: *Demócrito Rocha, uma vocação para a liberdade* e *História Constitucional do Brasil* (este último, em colaboração com o deputado Paes de Andrade e considerada por Klaus Stern, jurista dos tratados da reunificação da

Alemanha e catedrático em Colônia, sua obra fundamental). É convidado pela *International Association of Constitutional Law* para participar de uma mesa-redonda em Atenas, Grécia, sobre o tema "O estado e a educação".

A Alemanha acolhe Bonavides duas vezes mais em um curto espaço de tempo: em 1987, em missão cultural, e em 1989, quando a Universidade de Colônia promoveu um Simpósio Internacional para celebrar os quarenta anos da Constituição alemã. Desse simpósio resultou uma obra coletiva, tida por clássica, a respeito da Lei Fundamental de Bonn e na qual Bonavides colaborou com um ensaio sobre o Estado Social.

## CAPÍTULO 7

*A velhice (tal é o nome que os outros lhe dão)  
pode ser o tempo de nossa ventura.  
O animal morreu ou quase morreu.  
Restam o homem e a alma.*

**Jorge Luís Borges, *Elogio da sombra.***

### **OUTONO ILUMINADO**

No Dia do Advogado (11 de agosto) de 1989, a Ordem dos Advogados do Brasil – Secção do Ceará, inaugurou o Edifício Professor Paulo Bonavides que passou a abrigar a Escola Superior de Advocacia. Bonavides viaja, neste mesmo ano, a Portugal, onde, como professor visitante, ministra palestras na Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra. A seu lado, José Joaquim Gomes Canotilho, cultuado constitucionalista português e professor daquela Casa, não conseguia disfarçar o contentamento de estar perto de alguém que tanto admirava (obras de Bonavides constam na bibliografia dos livros de Canotilho). O professor brasileiro recebeu, nesta ocasião, a Medalha

Comemorativa dos 700 anos de Fundação da Universidade de Coimbra (1289-1989).

No início da década de 1990, Bonavides recebe convite para ir a Madrid participar do XII Congresso de Sociologia. Em 1991, fez um périplo pela Europa, divulgando, através de lançamentos em Paris, Lisboa, Coimbra e Roma, sua *História constitucional do Brasil*. Atendendo a convite dos participantes das II Jornadas de Derecho Procesal Constitucional, em Santiago do Chile, integra o Comitê Científico da Revista Latino-americana de Derecho Constitucional. Recebe o Troféu Clóvis Beviláqua da OAB. Com a morte de Afonso Arinos de Melo Franco, foi eleito para a cadeira de número 4 da Academia Brasileira de Letras Jurídicas. A passagem pelo Ceará, naquele ano palíndromo, de Canotilho e do jurista alemão, Klaus Stern, tiveram, como causa primordial, a deferência ao mestre e colega brasileiro.

Em 1992, Paulo Bonavides regressou a Portugal para lançar *História constitucional do Brasil* em Braga. Recebeu o Troféu Sereia de Ouro, do Sistema Verdes Mares, e a Medalha Sobral Pinto, comemorativa da XIV Conferência Nacional da OAB. Este foi o ano em que o Brasil, pela primeira vez em sua História, promoveu o *impeachment* de um presidente da República. Bonavides, a pedido do presidente do Conselho Federal da Ordem dos Advogados do Brasil, emitiu um parecer sobre a questão, inti-

Acervo de família



*Paulo Bonavides e Konrad Hesse*

tulado "O processo por crime de responsabilidade do presidente da república", que foi estampado na publicação *A OAB e o impeachment*, lançada em Brasília, no ano seguinte.

O ano de 1993 foi particularmente profícuo. No seu decorrer, Paulo Bonavides proferiu conferências na Alemanha, em Muenster e Frankfurt, e em Portugal, na cidade do Porto, todas versando sobre temas relacionados ao direito constitucional;

lançou obras suas em Portugal (Porto) e na Espanha (Santiago de Compostela); ministrou um curso sobre a Evolução Constitucional do Brasil, na Faculdade de Direito da Universidade Católica Portuguesa, a convite do professor Jorge Miranda; escreveu *A constituição aberta* e foi designado Membro da Comissão de Acompanhamento da Revisão Constitucional, pelo Conselho Federal da Ordem dos Advogados do Brasil.

Nas comemorações dos 90 anos da Faculdade de Direito da Universidade Federal do Ceará, os demais professores da Casa reuniram-se para instituir a Fundação Paulo Bonavides, cujo escopo se concentra no incentivo e desenvolvimento de projetos, estudos e pesquisas, na assessoria e consultoria jurídica a instituições públicas e privadas, na promoção de seminários, conferências e cursos de aperfeiçoamento no campo do Direito e no intercâmbio cultural com universidades do País e do exterior.

Em outubro de 1994, o título de Professor Emérito lhe é conferido pela Reitoria da Universidade Federal do Ceará. Em dezembro do mesmo ano, Ciro Ferreira Gomes, ex-monitor de Paulo Bonavides (fato que lhe dá tanto orgulho que se encontra em destaque na biografia do político), que fora governador do Ceará e se encontrava ocupando a pasta da Fazenda nos últimos meses da presidência de Itamar Franco, inaugura a sede da

Fundação Paulo Bonavides, da qual fora um dos instituidores e maiores incentivadores.

Em 1996, fez nova viagem à Alemanha e à Itália, visitando universidades onde conheceu e reverenciou amigos, em contatos culturais, da magnitude de Niklas Luhmann (Bielefeld), Konrad Hesse (Freyburg), Friedrich Mueller (Heidelberg), Klaus Stern e Etienne R. Mbaya (Colônia), Wolf Paul e Eberhard Denninger (Frankfurt) e Raffaele de Giórgio (Lecce). Neste ano, recebeu a Medalha Rui Barbosa, a mais alta comenda honorífica da Ordem dos Advogados do Brasil, que, desde sua criação, em 1971, só havia sido outorgada a nove juristas em vinte e cinco anos. Paulo foi o décimo.

Em 19 de março de 1997, em Düsseldorf, foi-lhe conferido o título de membro correspondente da Academia de Ciência da Renânia do Norte-Westfália. Viaja novamente a Roma, em dezembro de 1997, para participar do Colóquio Internacional patrocinado pela Corte Constitucional Italiana.

Mais uma prova de admiração e reconhecimento internacional veio em 28 de janeiro de 1998, quando lhe foi concedido o grau de Doutor Honoris Causa da Universidade de Lisboa em cerimônia celebrada na Aula Magna da Reitoria com a entrega de insígnias pelo reitor daquela instituição. Não foi, com toda certeza, uma honraria qualquer: somente vinte e dois intelectuais em toda

a História obtiveram este título, dentre eles, Léon Duguit, Miguel Reale, Gilberto Freyre, Robert Musgrave, Raymond Barre e Manuel Gonçalves Ferreira Filho.

Recebe, ainda, em 1998, a Medalha Soriano Neto, do Instituto dos Advogados de Pernambuco, cujo presidente era o eminente jurista Pinto Ferreira, e também a Medalha Pinto Ferreira, conferida pela Faculdade de Direito fundada por este grande professor pernambucano. A Medalha Teixeira de Freitas, do Instituto dos Advogados do Brasil, lhe é outorgada em 12 de maio de 1999. Neste mesmo ano escreve e publica *Do país constitucional ao país neocolonial*.

Em 2001, lança *Teoria constitucional da democracia participativa*. Em janeiro do ano seguinte, *Os poderes desarmados*.

Em fevereiro de 2002, morre seu primogênito, Paulo Bonavides Júnior, conhecido como Paulinho, vitimado de câncer. A perda de um filho, desnecessário dizer, é ferida que nunca cicatriza. Entretanto, Bonavides homenageia a memória de seu rebento mais velho guardando intactas sua força de trabalho e sua indignação ante os descompassos políticos e sociais que vislumbra. Segue edificando a vida com lições de Direito, de Política, de Cultura e de Civismo.

Em dezembro de 2002, é laureado com a Medalha Epitácio Pessoa, a mais alta comenda do Estado da Paraíba, que lhe foi

Acervo de família



*Friedrich Mueller, Paulo Bonavides e Wolf Paul*

conferida pela Assembléia Legislativa paraibana através de votação unânime.

O relato aqui feito apenas rascunhou pobremente oito décadas de uma vida que continua em plena produção. Em sua casa, na Lagoa Redonda, Paulo Bonavides cultiva a arte de bem

receber a todos com uma jarra de água de coco gelada e uma conversa sempre alegre e cordial. Ainda escreve, como desde o início, a lápis ou caneta, entregando, a seguir, os originais para serem datilografados ou digitados por alguém (tarefa que, nos últimos tempos, tem sido desempenhada pela filha Vera). Após o quê, ele revisa tudo, aplicando as necessárias correções.

Todas as principais questões envolvendo Direito Constitucional e Ciência Política passaram pelo crivo de sua análise: os direitos fundamentais; o controle constitucional das leis; o poder constituinte; a reforma constitucional; a hermenêutica constitucional; a democracia e seus diversos matizes (direta, representativa, participativa etc); o federalismo (cuja abordagem conta com uma proposta inovadora sobre a criação de um federalismo de regiões para preservar a integridade da federação contra a possibilidade de centralização do poder); o Estado Social; os partidos políticos; a cidadania, etc.

Bonavides é o jurista e cientista político brasileiro contemporâneo mais conhecido na Alemanha. Em toda a Europa seu nome é respeitado. Teve inúmeros artigos traduzidos em vários idiomas. Seus livros são adotados nas mais importantes faculdades jurídicas do Brasil. Várias de suas obras já contam com mais de uma dezena de edições. O amigo Evandro Lins e Silva admirava o fato de Paulo Bonavides possuir a rara proeza de manter-se fiel a si mesmo.

Acervo de família



*Recebendo a Medalha Rui Barbosa, a mais alta comenda conferida pela Ordem dos Advogados do Brasil*

Agrada-me o fato de não encerrar esta biografia narrando os últimos dias de Paulo Bonavides. Como disse o constitucionalista lusitano Marcelo Rebelo de Sousa, quando da cerimônia

de outorga do grau de Doutor Honoris Causa da Universidade de Lisboa ao Senhor Professor Doutor Paulo Bonavides, a gratidão "pode ser lenta, esquiva, timorata. Mas, chega sempre. E quando chega em vida, e em vida cheia de sonhos e amanhã, bem-vinda seja ela."

## LEIA MAIS

O leitor haverá de me perdoar se o texto lhe pareceu excessivamente seco em alguns momentos. A fórmula concisa que caracteriza este belo projeto da Fundação Demócrito Rocha e, sobretudo, as limitações do autor impediram um retrato mais amplo do universo bonavidiano.

O *curriculum vitae* de Paulo Bonavides domina uma boa parte desta obra por conta da sua riqueza que revela, principalmente, uma dedicação extraordinária à pesquisa, ao estudo, à reflexão e à produção cultural.

Ainda assim, não foi possível consignar, por absoluta falta de espaço, dezenas de viagens que fez pelo Brasil, de Norte a Sul, participando dos mais diversos eventos, assim como não se referenciou as dezenas de instituições nacionais e estrangeiras às quais se encontra, de alguma forma, ligado, artigos e obras que foram traduzidos em vários idiomas e aqueles que ele traduziu, nem uma série incontável de episódios nobres, curiosos, divertidos, amargos, felizes, que, tivesse a meu dispor mais quinhentas páginas, não seriam suficientes para exaurir.

Nos próprios livros de Paulo Bonavides há inúmeros registros de viagens, com as impressões de fatos que testemunhou ou se passaram em sua vida. Também há de se destacar, dentre outros textos, a obra da professora e jornalista Adísia Sá, apontada na biografia, os opúsculos confeccionados por ocasião do recebimento da Medalha Rui Barbosa e da Medalha Teixeira de Freitas, bem como o site que Flávio Sátiro Fernandes construiu na Internet contando a história da cidade de Patos e a de seus filhos mais ilustres (<http://www.pbnet.com.br/openline/fsatiro>).

# CRONOLOGIA

- 1925** - Nasce Paulo Fernandes Bonavides, em 10 de maio, na cidade de Patos, na Paraíba.
- 1933** - Morre Fenelon Bonavides, pai de Paulo. A família se muda para Fortaleza.
- 1934** - Tem sua data do nascimento alterada para 7 de maio de 1923 a fim de poder ingressar no Liceu do Ceará.
- 1938** - Ingressa no jornal **O Povo**.
- 1942** - Ingressa na Faculdade de Direito do Ceará.
- 1944** - Viaja para os Estados Unidos na condição de Nieman Fellow Associate, permanecendo um ano na Universidade de Harvard.
- 1945** - Regresso ao Brasil. Ida ao Rio de Janeiro.
- 1946** - Escreve *Universidades da América*. Trabalha para a Associated Press.
- 1948** - Forma-se em Direito pela Universidade do Brasil, no Rio de Janeiro. Recebe o Prêmio Carlos de Laet, da Academia Brasileira de Letras, por *Universidades da América*.

- 1951 - Colabora com o ressurgimento da Associação Cearense de Jornalistas Profissionais, tendo sido seu primeiro presidente.
- 1952 - Primeira viagem à Alemanha.
- 1953 - É eleito presidente do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Ceará.
- 1954 - Lidera a primeira greve dos jornalistas cearenses. Casa-se com Yêda (Wanderley) Sátyro Bonavides.
- 1955 - Lança *Dos fins do estado*. Nasce Paulo Bonavides Júnior.
- 1956 - Nasce Vera Sátyro Bonavides.
- 1958 - Vence o concurso para a cátedra de Teoria Geral do Estado da Faculdade de Direito do Ceará recebendo, a um só tempo, os títulos de Doutor em Direito e Livre Docente ao defender a tese *Do estado liberal ao estado social*. Nasce Clóvis Sátyro Bonavides.
- 1961 - Nasce Gláucia Sátyro Bonavides.
- 1962 - Nasce Doralice Sátyro Bonavides.
- 1964 - Nasce Marília Sátyro Bonavides.
- 1966 - Nasce Márcio Sátyro Bonavides.
- 1967 - Publica *Ciência política e Teoria do estado*.
- 1969 - Escreve *A Crise Política Brasileira*.

- 1973** - Lança *Reflexões: política e direito* e, com o professor Roberto Amaral, *Textos políticos da história do Brasil*.
- 1974** - Morre Hermínia Fernandes Bonavides.
- 1977** - Recebe o Título de Cidadão Cearense.
- 1978** - Torna-se professor de Filosofia do Direito e do Estado no Curso de Mestrado da Faculdade de Direito da UFC.
- 1979** - Fundação do Instituto Brasileiro de Direito Constitucional (IBDC). Bonavides é eleito seu primeiro presidente.
- 1980** - Lança *Direito Constitucional* obra que, a partir da quarta edição, recebe o título de Curso de Direito Constitucional.
- 1981** - Membro do Comitê de Iniciativa que fundou a International Association of Constitutional Law.
- 1982** - Recebe a Medalha da Abolição, a mais alta condecoração do Estado do Ceará. Professor visitante na Faculdade de Direito da Universidade de Colônia, na Alemanha.
- 1984** - Professor visitante na Faculdade de Direito da Universidade do Tennessee, em Knoxville. Publica *Formas de estado e de governo* e traduz do alemão a correspondência Kelsen-Klug, sob o título *Normas jurídicas e análise lógica*.
- 1985** - É convidado a compor (e, posteriormente, renuncia) a Comissão de Estudos Constitucionais, conhecida como "Comissão dos Notáveis". Escreve *política e constituição*:

*os caminhos da democracia.* Membro do Conselho Editorial do jornal **O Povo**.

- 1986** - Lança *Constituinte e Constituição: a democracia, o federalismo e a crise contemporânea*.
- 1988** - Lança *Demócrito Rocha, uma vocação para a liberdade*. Escreve também, com a colaboração de Paes de Andrade, *História constitucional do Brasil*.
- 1989** - Inaugurado o Ed. Prof. Paulo Bonavides, sede da Escola Superior de Advocacia da OAB – Ceará. Professor visitante da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra.
- 1993** - Escreve *A constituição aberta*. Membro da Comissão de Acompanhamento da Revisão Constitucional. Instituída a Fundação Paulo Bonavides.
- 1996** - Recebe a Medalha Rui Barbosa.
- 1998** - Doutor Honoris Causa da Universidade de Lisboa
- 1999** - Recebe a Medalha Teixeira de Freitas. Lança *Do país constitucional ao país neocolonial*.
- 2001** - Publica *Teoria constitucional da democracia participativa*.
- 2002** - Lançamento de *Os poderes desarmados*. Em 12 de fevereiro, morre seu filho mais velho, Paulo Bonavides Júnior. Em dezembro recebe a mais alta comenda do Estado da Paraíba, a Medalha Epiácio Pessoa.

# BIBLIOGRAFIA

BONAVIDES, Anníbal. **Diário de um preso político**. Fortaleza: Editora Gráfica O Povo, [s. d.].

BONAVIDES, Paulo. **Ciência política**. São Paulo: Malheiros, 1997.

\_\_\_\_\_. **Constituinte e constituição: a democracia, o federalismo e a crise contemporânea**. Fortaleza: IOCE, 1987.

\_\_\_\_\_. **Do país constitucional ao país neoliberal**. São Paulo: Malheiros, 1999.

\_\_\_\_\_. **Entrevistas concedidas a Antonio Carlos Klein**. Fortaleza, set./out. 2002.

\_\_\_\_\_. **O tempo e os homens**. Patos, PB: Fundação Ernani Sátiro, 1997.

BONAVIDES, Paulo; ANDRADE, Paes de. **História constitucional do Brasil**. Brasília: OAB Editora, 2002.

FARIAS, Aírton de. **História do Ceará: dos índios à geração cambéba**. Fortaleza: Tropical, 1997.

FERNANDES, Flávio Sátiro. **Home page de Flávio Sátiro Fernandes**. Disponível em: <<http://www.pbnet.com.br/openline/fsatiro>> Acesso em: 15 out. 2002.

FOLHETIM JURÍDICO. Fundação Paulo Bonavides. Fortaleza:

Faculdade de Direito da Universidade Federal do Ceará, ano 1, n. 3, set. 1993. 8 p.

HOLANDA, Firmino. **Orson Welles no Ceará**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2001.

JOHNSTON, Barry V. Pitirim A. **Sorokin**: an intellectual biography. Lawrence, KS: University Press of Kansas, 1995.

NADER, Paulo. **Filosofia do Direito**. Rio de Janeiro: Forense, 1997.

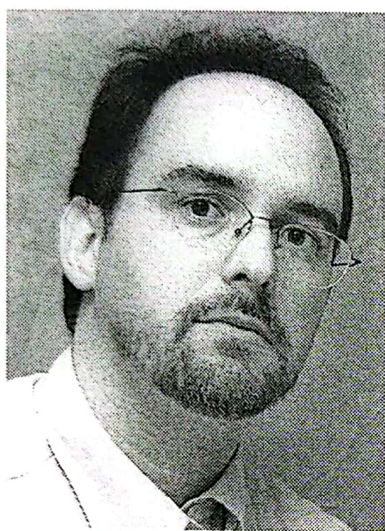
MEDALHA RUI BARBOSA. **Homenagem a Paulo Bonavides**. Brasília: OAB Editora, 1996.

MEDALHA TEIXEIRA DE FREITAS. **Homenagem a Paulo Bonavides**. Rio de Janeiro: Instituto dos Advogados Brasileiros, 1999.

MORAIS, Fernando. **Chatô**: o rei do Brasil, a vida de Assis Chateaubriand. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

SÁ, Adísia. **Biografia de um sindicato**. Fortaleza: Edições UFC, 1981.

## **○ AUTOR**



**Antonio Carlos Klein** nasceu em Recife-PE, a 4 de novembro de 1969, filho de pai e mãe cearenses. Formou-se em Direito pela Universidade Federal do Ceará onde, posteriormente, adquiriu o título de Mestre em Direito.

Trabalhou como Escrevente Judicial, Diretor de Secretaria da 2ª Vara da Fazenda Pública e foi Assessor do Desembargador Raimundo Bastos de Oliveira. Atualmente é Juiz de Direito no Ceará, tendo atuado nas comarcas de Icapuí, Tamboril, São Gonçalo do Amarante e Caucaia. Exerce também o magistério superior na Universidade de Fortaleza, ministrando as disciplinas Teoria Geral do Estado e Direito Municipal.

Fundou o jornal universitário *Folhetim Jurídico* em 1992. Publicou vários artigos em revistas especializadas em Direito e teve alguns contos premiados em concursos literários. Em 2002, publicou o livro *A importância dos partidos políticos no funcionamento do estado* pela Editora Brasília Jurídica.

Reg 47289  
000.80793

Este livro foi composto na fonte *Times New Roman*, corpo 11/13.5, com detalhes em *Clearface e Futura*. O miolo foi impresso em papel Pólen *Soft* 80g/m<sup>2</sup>, e a capa com laminação fosca em Cartão Supremo 250g/m<sup>2</sup>. Impresso pela Gráfica LCR e editado pela Edições Demócrito Rocha em janeiro de 2003.



**paulo**  
**BONAVIDES**

## **A ciência da democracia**

Paulo Bonavides, jornalista, jurista e cientista político, é reconhecido nacional e internacionalmente como uma das mentes mais privilegiadas na sua esfera de atuação. Longe de uma vida burocratizada e esmaecida, como algum desavisado possa imaginar, deparamo-nos com uma trajetória singular vivida ao longo de oito décadas de uma existência rica e compromissada com os direitos individuais e sociais.

ISBN 857529142-4



9 788575 291429